

FRANCISCO CURT LANGE (1903 - 1997)

Régis Duprat

No exato momento em que se lançam no Brasil dois excelentes CD's sobre a música mineira do período colonial, chega-nos a triste notícia do falecimento de Francisco Curt Lange, que dedicou grande parte de sua vida à pesquisa. Esta revelou a rica atividade que ele próprio chamou de Escola de Compositores Mineiros de Música Religiosa do Século XVIII.

Isso ocorreu nos últimos anos da 2ª Grande Guerra. Sua primeira comunicação é de 1946, no *Boletim Interamericano de Música*, n. VI, de Montevidéu, Uruguai, órgão do Instituto Interamericano de Musicologia, que ele fundou e dirigiu por meio século e onde foram publicados inúmeros trabalhos especializados sobre a música no continente americano, inclusive sobre a música contemporânea do período. O número IV do *Boletim* foi, aliás, dedicado inteiramente a Villa-Lobos e sua obra.

As pesquisas de Curt Lange em Minas Gerais se iniciaram por volta de 1944, sob os auspícios do Ministério da Educação, então com a direção do Ministro Clóvis Salgado. Complementavam uma atividade singela, sistemática e centenária das sociedades musicais até hoje existentes em muitas cidades mineiras e que executavam por tradição centenária o repertório mais antigo, em sintonia com o calendário litúrgico católico, especialmente durante a Semana Santa. As pesquisas de Lange chamaram a atenção do público erudito e da alta cultura para aquele repertório que passou a ser valorizado e executado com frequência nas salas de concertos.

Às descobertas de Lange seguiram-se inúmeras e valiosas investigações e achados que muito acrescentaram à contribuição do pioneiro. Podemos afirmar que essa é uma comprovação irrefutável da grandeza e da eficácia do seu empreendimento. Hoje, um número considerável de jovens pesquisadores vem dedicando seus cuidados, seu tempo e sua competência à tarefa de ampliar o conhecimento, compreender e interpretar o manancial de obras e de dados históricos, base de dados documentais e musicais reunida e/ou organizada nos últimos 50 anos, desde a primeira comunicação do Informe Preliminar sobre a Música na Capitania de Minas Gerais, de 1946.

As primeiras descobertas e revelações de Lange geraram muito mais polêmicas do que luz. Era natural; partiam daqueles mais zelosos apreciadores incondicionais

da primazia até ali indiscutível do grande José Maurício Nunes Garcia. Talvez vissem ameaçado, naqueles descobrimentos, o primado do padre-mestre que na corte e na Sé do Rio de Janeiro elevara aos píncaros a "glória nacional" do seu tempo na música religiosa. Os excessos da polêmica, que advieram, chegaram a contestar, hoje sabemos que indevidamente, a autenticidade daquelas obras, cujos manuscritos, reunidos ao longo da pesquisa de Lange, foram há pouco mais de dez anos, por empenho e lucidez de dois homens, Edino Kriger e Rui Mourão, adquiridos daquele estudioso e reunidos ao acervo do Museu da Inconfidência de Ouro Preto – MIOP, paisagem própria para receber a rica coleção formada carinhosa e cuidadosamente pelo pesquisador.

Na fase polêmica, que se estendeu por toda a década de 1950 e boa parte da seguinte, Lange também contou com amigos fiéis que lhe hipotecaram irrestrita solidariedade e compreensão. Orgulho-me de ter integrado esse círculo de adesões em torno da figura competente de G. Olivier Toni e da Orquestra de Câmara de São Paulo, que cedo compreenderam a importância e o significado das descobertas de Lange, executando, inclusive, o repertório. Mas não podemos esquecer o nome de Edoardo di Guarnieri, o primeiro a gravar no Brasil as obras dos mineiros, com a Orquestra Sinfônica Brasileira, em 1957. Nem tampouco Sérgio Buarque de Holanda, cuja lucidez e sensibilidade o alinhou entre os que prestigiaram o trabalho de Lange.

Posteriormente, nós mesmos, pelos laços de amizade que me uniam a Lange e pela confiança de Rui Mourão, tivemos a oportunidade ímpar de receber do Museu da Inconfidência a incumbência de coordenar os trabalhos de catalogação, transcrição de obras e divulgação das preciosidades do acervo, hoje consubstanciadas numa coleção já publicada. Para isso contamos com a competente ajuda técnica de Aluísio Viegas e, depois, do responsável pelo setor de Música do MIOP, Carlos Alberto Baltazar que, aliás, ofereceu a Curt Lange a transcrição de uma das peças que figuram no CD "Música do Brasil Colonial: compositores mineiros" que o selo Paulus, junto com o MIOP, está lançando neste mês de junho em São Paulo: o *Spiritus Domine*, de Francisco Gomes da Rocha. Nesse CD, o Grupo Vocal Brasilessentia e seu regente, Vitor Gabriel, incluem também uma homenagem a Lange, interpretando os *Motetos de Passos*, por ele transcritos, de autor anônimo de Minas Gerais do século XVIII.

Igual homenagem presta o Coral Ars Nova da Universidade Federal de Minas Gerais e seu regente Carlos Alberto Pinto Fonseca, em seu CD, também lançado agora neste mês de junho, "Mestres da Música Colonial Mineira", vol. I, incluindo ali a deliciosíssima *Antifona de Nossa Senhora, Salve Regina*, pequena mas incomparável obra-prima de Lobo de Mesquita (1746-1805), e o *Hino Maria Mater Gratiae*, de Marcos Coelho Neto (1746-1803), também transcritas por aquele vulto marcante da nossa musicologia histórica.

Após suas descobertas e revelações, o caminho estava franqueado para novas pesquisas e arrojadas. Quinze anos depois eu mesmo localizei e apresentei as obras de André da Silva Gomes (1752-1844), mestre-de-capela da Sé de São Paulo, e logo em seguida, na mesma década de 1960, o saudoso amigo padre Jayme Diniz

comunicava as descobertas pernambucanas de um passado musical riquíssimo e a obra magna - o *Te Deum* - de Luís Álvares Pinto (1719-1789). Na década seguinte Conceição Resende apresentava o seu trabalho de organização do acervo do Museu da Música, de Mariana, Minas Gerais.

A essas descobertas acrescentaram-se inúmeros estudos, pesquisas, concertos, gravações, cursos, numa avalanche infindável que conduziu a música mineira a consagrar-se nas salas de concertos e na Academia, inclusive às reflexões sobre o próprio papel e desempenho de Lange no contexto da nossa musicologia histórica, como foi o caso do carinhoso "O alemão que descobriu a América", de Rui Mourão. Foi o caso, igualmente, de estudiosos como Olivier Toni, Gerard Behague, José Maria Neves, Aluísio Viegas e tantos outros que me constringe injustiçar ao não citá-los.

É longa a relação dos trabalhos publicados por Lange. Além das transcrições de peças musicais, o pesquisador incansável reuniu farta documentação histórica já publicada e ainda por publicar. Sempre foi seu intuito publicar uma História Geral da Música na Capitania de Minas Gerais, intento que só conseguiu parcialmente.

Aqui deixamos a nossa homenagem carinhosa àquele que nos antecedeu a todos e cujo trabalho sempre constituiu um estímulo incomparável para novas descobertas, novos trabalhos e novos estudos.

São Paulo, junho 1997.